

Hoje, o fim da fase 2

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, adiantaram ontem o expediente assinando mais de 1.350 contratos da conclusão da fase 2 de renegociação da dívida externa (um contrato para cada projeto e cada banco, embora nem todos os bancos estejam em todos os quatro projetos).

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, livre dessa obrigação, preparou-se com calma para o jantar oferecido a cerca de oitenta pessoas pelo Citibank, ontem à noite, e para o momento de triunfo pelo qual ele espera desde que saiu

do Brasil, na semana passada: às 9h30 da manhã, meia hora antes da cerimônia da assinatura, ele será filmado pela televisão, ao lado do presidente do comitê de bancos, William Rhodes.

Milhões de brasileiros verão em todos os canais o ministro do Planejamento como o vitorioso na batalha da segunda renegociação. Em fevereiro do ano passado, a eleição recente favorecia a descompressão política e um quase consenso em torno da necessidade da renegociação.

Mas, desta vez, ele teve de demitir o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, e enfrentar séria resistência, dentro e fora do governo, para impor a aceitação do programa do Fundo Monetário Internacional (FMI). Foi ele também quem mais sofreu o desgaste dos sucessivos adiamentos da assinatura do "pacote", especialmente o último, porque, como comentou ontem uma fonte que acompanhou de perto as negociações, "calou muito mal em Brasília o fato de que foi 'Bill' Rhodes quem anunciou que a assinatura só seria no final de janeiro". Foi Delfim também quem mais sofreu com a atitude dos árabes, que lhe prometeram aderir, mas só cumpriram a promessa um mês depois e sob intensa pressão do FMI, do comitê de bancos e do governo americano.

Delfim saiu do Brasil na quinta-feira com a disposição de apagar todas essas pequenas derrotas e colher a vitória final. Teve o cuidado de trazer o seu assessor de imprensa, Gustavo Silveira, embora tenha procurado evitar os jornalistas desde que chegou.

Mas ontem Silveira estava no Citibank, acertando com Rhodes como será a

filmagem, amanhã, no São Wedgewood do Hotel Pierre, em Nova York, bem cedo, para que a Empresa Brasileira de Notícias (EBN) tenha tempo de garantir que todas as emissoras de TV receberão o filme, mesmo que não possuam correspondente nos Estados Unidos. E foi ele também quem redigiu o comunicado conjunto de Pastore e Rhodes (até ontem os comunicados eram distribuídos em inglês, pelo Citibank, mesmo quando eram de Pastore).

Um banqueiro admirador de Delfim comentou: "Delfim não é apenas um gênio da economia, é também um mestre na comunicação".

Quando este jornal pediu, há alguns dias, confirmação de que Delfim não iria assinar os contratos (da mesma forma como no ano passado, legalmente são necessárias apenas as assinaturas do ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central), Silveira recomendou que o jornal "verificasse suas fontes". O jornal verificou junto aos

próprios advogados que preparam os contratos e pôde garantir que a assinatura do ministro Delfim Netto não é necessária.

O comunicado de Pastore e Rhodes informa que os US\$ 6,5 bilhões foram finalmente atingidos, bem como as metas dos outros projetos. A íntegra do comunicado é a seguinte:

"O comitê de assessores recebeu adesões que completam US\$ 6,5 bilhões e perfazem as necessidades de novos recursos da fase 2 do programa de renegociação da dívida externa brasileira. Este total está em consonância com a carta de 12 de outubro de 1983, enviada pelo Brasil à comunidade financeira internacional.

"Os três outros projetos — refinanciamento, comércio exterior e interbancário — alcançaram os níveis requeridos.

"Conforme previamente anunciado, a assinatura dos quatro projetos da fase 2 se dará amanhã, em Nova York."

(Continua na página 16)